



Os olhares irônicos sobre a realidade social: cartas persas e o guia politicamente incorreto da filosofia

Paula Carolina Teixeira Marroni* e Terezinha Oliveira

Departamento de Fundamentos da Educação, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: paulamarroni@gmail.com

RESUMO. Este texto objetiva relacionar dois olhares irônicos sobre a realidade social, cada um em seu período. O primeiro, do século XVIII, apresentado por Montesquieu (1721), em *Cartas Persas*, e o segundo, apontado por Pondé (2012) na obra *O Guia Politicamente Incorreto da Filosofia*. Foram elencadas, primeiramente, quatro temáticas: a coragem, a hipocrisia, as relações entre homens e mulheres e a vaidade intelectual. Em seguida, das Cartas I a LII, de Montesquieu, foram elencados excertos em que observamos a ironia como ponto de convergência entre ambos os olhares. A escolha do primeiro terço de *Cartas Persas* se deu pelas primeiras experiências do interlocutor dos persas com o outro, no caso, a sociedade francesa do século XVIII. A apresentação das *Cartas*, entretanto, não é linear, e sim correspondente aos temas elencados para esta pesquisa. Observa-se que ambas as fontes, permeadas pela ironia como recurso para a escrita, auxiliam na compreensão da sociedade tanto francesa do século XVIII quanto a ocidental, mais especificamente, brasileira do século XXI. Por trás da linguagem irônica, observa-se que os autores buscam descortinar o véu da hipocrisia e demonstrar a necessidade de um respeito profundo, e não Politicamente Correto, entre os membros da sociedade.

Palavras-chave: ironia, filosofia, respeito, sociedade, educação.

Ironical views on social reality: persian letters and politically incorrect guide of philosophy

ABSTRACT. Current paper relates two views on social reality, each one considered within its specific historical period. The first, from the XVIII century, is presented by Montesquieu (1721), in *Cartas Persas*, and the second, presented by Pondé (2012) in *Guia Politicamente Incorreto da filosofia*. Four themes were selected: courage, hypocrisy, female and male relationships and intellectual vanity. Parts Letters I to LII by Montesquieu were selected in which ironical views of reality were detected. The choice of the first third part of *Cartas Persas* was made by the first experiences of the interlocutor with the other culture, specifically, the French society of the XVIII century. The presentation of the Letters, however, is not linear, but correspondent to the themes selected for this research. It may be observed that both sources, imbued with ironical literary resources, contribute towards an understanding of societies, the French one in the XVIII century and Brazilian society in the XXI century. Underlying ironical language, the two authors try to uncover society's hypocrisy and demonstrate the need of a profound respect, and not a politically correct respect, among individuals.

Keywords: irony, philosophy, respect, society, education.

Introdução

A literatura é uma importante fonte para a compreensão da história. O estudo, o olhar atento sobre o modo como cada homem construiu suas narrativas, ajuda a compreender que, ao construir uma história, o homem carrega elementos, anseios, inquietações próprios de seu momento histórico, mesmo que ele redija sobre outro momento histórico ou fatos ficcionais. Nestes termos, consideramos que “É o modo como os autores se posicionam diante das questões do presente que os leva a interpretar o passado de uma determinada forma” (OLIVEIRA, 1999 p. 175). Assim, o olhar

sobre a literatura como fonte de estudo para a área de História da Educação considera que uma obra literária pode auxiliar na compreensão de sujeito, sociedade e instituições de uma dada época, mesmo que ela se refira a épocas anteriores.

Nesse sentido, este estudo constitui-se em um exercício de relações entre duas obras literárias, *Cartas Persas*, de Montesquieu (1689-1755), e *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia – Ensaio de Ironia*, de Pondé (2012), que podem auxiliar na compreensão dos momentos históricos em que foram redigidas. Destacamos, para este momento, o caráter particular da ironia como estratégia literária, pela qual, segundo

Mustăța (2011), Montesquieu, assim como Voltaire e Diderot, baseiam seu discurso. Para a autora, Montesquieu utiliza-se de tom sério e de ironia para, em *Cartas Persas*, expressar suas visões e interrogações a respeito da existência de indivíduos e sociedades. Séculos adiante, Pondé (2012) descreve a própria obra como “[...] um ensaio de filosofia do cotidiano, mais especificamente um ensaio de ironia filosófica que dialoga com a filosofia e sua história” (PONDÉ, 2012, p. 17). Salientamos, portanto, que consideramos a ironia como o ponto de convergência do pensamento de ambos, mesmo com a quantidade de anos que os separam. Além disso, tratamos aqui a ironia como princípio pedagógico.

Enquanto instrumento de literatura ou retórica, a ironia sugere uma distância intencional entre aquilo que é dito e aquilo que realmente se pensa, ou se quer dizer. Para Pinheiro (2003), é justamente esta a dificuldade de compreensão por parte dos estudantes quando são colocados em contato com grandes obras, como as de Montesquieu:

[...] colocar o estudante face à ironia, é incitá-lo a uma leitura analítica, torná-lo sensível às múltiplas vozes presentes, enfim, fazê-lo chegar ao não-dito a partir do dito (PINHEIRO, 2003, p. 1).

Portanto, tomando como ponto de partida que as narrativas de ambos são pautadas no caráter irônico do olhar para seu tempo, objetivamos estabelecer possíveis relações entre as temáticas suscitadas por Pondé e as temáticas refletidas por Montesquieu nas *Cartas Persas*. Para isso, elencamos quatro principais temáticas: a coragem, a hipocrisia, a relação entre homens e mulheres e a vaidade intelectual. Desse modo, iniciamos o texto, tecendo breves considerações a respeito da obra de Montesquieu (2009), seguida pela obra de Pondé (2012) para, finalmente, evidenciar as relações propriamente ditas, tendo como base os temas expostos no *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia* e os temas recorrentes nas *Cartas Persas*.

Para além da ironia, outra característica precisa ser ressaltada a respeito de uma das obras em questão. Ao captar questões de sua época e respondê-las com maior profundidade do que seus contemporâneos, segundo Oliveira e Mendes (2010), um autor pode converter-se em uma referência para as gerações seguintes. Esses homens, ao tratar de questões e inquietações do seu tempo e buscar as devidas respostas, estimulando sujeitos das épocas vindouras à reflexão sobre as novas questões que lhe forem colocadas, tornam-se clássicos.

Dessa forma, ao observar questões que são candentes em um momento histórico e buscar construir um aparato, uma teoria ou um

fundamento a respeito das mesmas, os autores clássicos demonstram como pensavam nas suas épocas, sua finalidade diante desses acontecimentos segundo os valores vigentes para cada momento. Entretanto, ao conhecer esses clássicos e suas respectivas épocas, observa-se que o modo como se comportam os sujeitos, a sociedade e as instituições não é natural. Para Oliveira e Mendes (2010), esse movimento é próprio do homem e diz respeito à maneira como a sociedade está organizada e às crenças e aos comportamentos de cada época, bem como a sua construção e a sua ação na sociedade.

Como clássico, Montesquieu nos mostra que esse movimento, ocorrido na França, não é natural. Apesar de possuir outras obras nas quais ele parece apontar as respostas, tais como *O Espírito das Leis* (1748), em *Cartas Persas* ele faz perguntas – sugere reflexões, aponta problemas presentes na sociedade. Mesmo tratando-se de situações da época, uma vez que tratam de questões candentes ao homem em diversos momentos históricos, são presentes também na sociedade contemporânea.

Dentre as críticas que Montesquieu (2009) apresenta para todas as categorias sociais – religião, mulheres, liberação feminina, intelectuais, poetas, professores, trabalhadores, súditos, papa, religiosos, nobres, reis e príncipes – e seus respectivos comportamentos, ao demonstrar a estranheza dos interlocutores e descrever os comportamentos daquela sociedade, o autor enfatiza o olhar para seu momento histórico em tom de crítica. Sugerimos que muitos desses elementos são apresentados, também de forma irônica, por Pondé (2012). É possível reconhecer as discussões levantadas por Montesquieu quando Pondé sugere a reflexão acerca da sexualidade, das relações entre homens e mulheres, do dinheiro, da vaidade, da insatisfação e da independência feminina aos intelectuais e artistas, em relação à hipocrisia social, à religiosidade, espiritualidade, ou, nas palavras de Pondé, versões *light* de religião e à infelicidade da vida contemporânea.

Não se trata aqui de comparar os dois autores, tampouco colocá-los no mesmo patamar. Entretanto, ambos parecem trazer para sua época contemporânea olhares que podem incomodar os seus contemporâneos.

Montesquieu: o olhar irônico sobre a sociedade francesa no século XVIII

Charles-Louis de Secondat, conhecido como Barão de Montesquieu (1689-1755), foi um pensador político francês que teorizou a respeito da separação dos poderes, do governo e das constituições. *Cartas Persas*, de 1721, é um compilado

de textos literários escritos em forma de Cartas, correspondências trocadas entre dois personagens principais, Usbek e Rica, persas, e suas esposas, escravos, amigos, conselheiros. A obra é composta por 160 Cartas, apresentadas em ordem cronológica, que demonstram as impressões dos persas em relação à França, especificamente Paris, o reinado de Luis XIX e a igreja. Para este trabalho, fizemos uso de uma edição de 2009.

Dessa forma, por meio desse compilado de textos, publicados originalmente de forma anônima, Montesquieu evidencia suas impressões sobre a França do século XVIII, criticando a sociedade, os costumes, as instituições políticas, sendo um dos primeiros a criticar o poder ou o abuso de poder da Igreja e do Estado. Comparando a sociedade francesa com uma sociedade de costumes tão diferente, como a Persa, que possui cultura, religião, organização e tradição diferentes, Montesquieu justifica o estranhamento de Usbek e Rica, que nada mais são do que interlocutores para que o próprio Montesquieu apresente o próprio estranhamento, inquietações e críticas à sociedade de seu tempo.

Oliveira (1999) afirma que essa obra, como estudo profundo da sociedade francesa, é fundamental para a compreensão da situação da França nos primórdios do século XVIII – uma nação sem liberdade, com muita miséria, cujas classes e instituições são criticadas não só por ele, mas por outros autores de seu século, tais como Beumarchais e Voltaire.

Destacamos, contudo, que o recorte para a obra de Montesquieu refere-se ao primeiro terço da obra. Neste, as primeiras impressões sobre o outro são registradas, desde a saída do interlocutor da Pérsia até os primeiros anos em Paris. O recorte vai, portanto, da Carta I à Carta LII, para que sejam elencados exemplos de ironia de Montesquieu. Salientamos também que a apresentação das *Cartas* de Montesquieu não respeita uma ordem crescente ou cronológica, e sim a possível relação com a temática levantada.

Conforme salientado anteriormente, elencamos, para este trabalho, quatro categorias para a reflexão. São elas: a coragem, a hipocrisia, a relação entre homens e mulheres e a vaidade intelectual. Não tratando especificamente como vaidade intelectual, mas como virtude de autoconhecimento, iniciamos nossa análise de *Cartas Persas*.

Montesquieu, na Carta XIV, de Usbek a Mirza, ao descrever a comunidade dos trogloditas, seus vícios e suas virtudes, revela a existência desta espécie de justificativa para fugir às suas responsabilidades:

[...] este jugo, porém, parece-vos demasiado duro, e preferis sujeitar-vos a um príncipe e obedecer às suas leis menos rígidas que vossos costumes, sabendo que então podereis satisfazer a vossa ambição, adquirir riquezas e languescer em cobardes deleites, e que não precisareis da virtude, contanto que não cometais delitos horrosos (MONTESQUIEU, 2009, Carta XIV).

A ausência de coragem revelada pelo rei dos trogloditas aos seus súditos é uma metáfora para a ausência de coragem, a covardia, que faz cada um fugir às suas responsabilidades, em qualquer setor da vida, não só da política. A este exemplo, na Carta XXXIX, de Rica a Ibben, até mesmo os maridos que sofreram infidelidade encontraram formas de serem indenizados como vítimas, sem que eles se responsabilizassem pelos atos que podem ter levado sua esposa a cometer a infidelidade, ressaltando que

[...] para que possa um homem queixar com justiça da infidelidade de sua mulher, seria preciso que não houvesse mais que três pessoas no mundo, porque sempre que haja quatro, ele terá desforra (MONTESQUIEU, 2009, Carta XXIX).

Essa ausência de coragem é revelada também em algumas funções cotidianas, como, por exemplo, na Carta XLII, quando Faran, ao escrever para Usbek, seu soberano senhor, confessa que é forçado com suma crueldade a trabalhos inoportáveis e que, algumas vezes, desejou até mesmo perder a vida para não os cumprir, desculpando-se por ter um amo tão bondoso e ser um escravo tão desventurado. É possível observar, nestes três exemplos, como o sentimento de dó, piedade ou de irmandade em relação ao sofrimento do outro pode ser um dos responsáveis pelos atos de compreendê-lo, de forma que seus atos sejam cada vez mais justificados. Essa noção nos é importante, pois, adiante, observaremos que essa mesma noção auxilia Pondé na construção do ideal do que ele chama de politicamente incorreto. Sendo assim, neste raciocínio, pode-se fugir mais facilmente à responsabilidade, e as atitudes politicamente corretas colaboram para o esvaziamento da responsabilidade.

Entretanto, vale ressaltar que raramente se passa uma posição de responsabilidade ou uma função importante aos destituídos de coragem. Montesquieu também coloca esta questão já no século XVIII. Na Carta XLVIII, de Usbek a Redi, ao descrever a sociedade francesa em forma de descrição de algumas pessoas presentes em um salão frequentado por Usbek, retrata-se uma das figuras, que vivia do passado e das campanhas nas quais pelejou, respirando tempos que já foram, que não ganhava mais postos elevados, uma vez que a máxima na França seria a de considerar tais sujeitos

como “[...] homens cujo espírito se amesquinhou em minudências, e que, habituados a elas, não são capazes de grandes ideias” (MONTESQUIEU, 2009, Carta XLVIII, de Usbek a Redi).

Ao tratar da coragem, ou de sua ausência, podemos falar da vitimização. Montesquieu (2009) também aponta essas questões. Por exemplo, nas Cartas que se referem a Usbek, ele é evocado como a alma da sociedade, de forma que sua falta era extremamente sentida pelos seus (Carta X, de Mirza a Usbek). Este, ao respondê-la, usando como metáfora a sociedade dos trogloditas, os apresentava como um povo que ignorava a cobiça, no qual quem mais dava acreditava estar mais na vantagem, considerando-os uma só família, que sempre tinha da natureza aquilo de que precisavam e que desejavam (Carta XII, de Usbek a Mirza). Ele continua, nas Cartas seguintes (XIII e XIV, todas de Usbek a Mirza), descrevendo estes que seriam os homens melhores.

O oposto desses homens melhores seriam os homens medíocres, ou ainda hipócritas. Exemplos como este podem ser elencados nas Cartas Persas. Na Carta XXIV, de Rica a Ibben, Rica salienta a descrição do rei da França, Luis XIV, que mesmo sem todas as minas de ouro do rei da Espanha, era mais rico do que ele, “[...] porque tira a sua riqueza da vaidade dos seus súditos, mais inesgotável que as minas” (MONTESQUIEU, 2009, Carta XXIV, de Rica a Ibben). Não se trata aqui de comparar o regime monárquico com a democracia, mas, sim, de demonstrar como a mediocridade está atrelada ao fato de grupos buscarem seus interesses e fazerem concessões quando sentem a segurança que procuram, como, por exemplo, os súditos do rei. Este, na Carta XXXVII, de Usbek a Ibben, é descrito como velho, mas que reinou muito tempo, possuindo em sumo grau o talento de fazer com que lhe obedecam.

Nesse sentido, as Cartas iniciais de Montesquieu revelam as primeiras impressões sobre ‘o outro’, o diferente do persa, o francês. Assim, Montesquieu abre espaço para poder falar de sua sociedade com o distanciamento necessário para sua ironia, de forma que evidencie o que pensa sobre a sociedade, mas na interlocução de alguém que não compreende as relações estabelecidas:

À maneira que no país destes profanos eu me adentrava, parecia-me que eu próprio ia me profanando. Apresentaram-se-me ao espírito a pátria, a família, os amigos; despertou-se em mim a ternura; não sei que desassossego me turbou o coração, e vi que tinha tentado uma empresa que ia me privar da tranquilidade (MONTESQUIEU, 2009, Carta VI, Usbek ao seu amigo Nessir).

Observa-se o dúbio sentimento de ternura pelo ‘outro’ que se estava conhecendo, somado à constatação de que tais sentimentos e experiências lhe tirariam a tranquilidade. Mas esse sentimento não tinha apenas uma via; é importante ressaltar que os interlocutores também descrevem aos seus amigos como a sociedade parecia percebê-los:

Quando cheguei aqui, olhavam para mim como se eu fora enviado do céu: velhos, moços, mulheres, crianças, todos me queriam ver. Quando eu saía, todos se punham à janela [...] Algumas vezes sorria ouvindo, a pessoas que quase nunca tinham saído do quarto, dizer umas para as outras: ‘na verdade tem toda a aparência de persa’ (MONTESQUIEU, 2009, Carta XXX, de Rica a Ibben, grifo do autor).

Rica percebia que era observado e que se comentava sobre ele. Percebia que, naquele momento, era o outro. Entretanto, conseguia perceber a hipocrisia de alguns, que não saindo do próprio mundo, com um conhecimento limitado do que seria um persa, o definem como persa, e ainda afirmam sua aparência de persa, bem como os questionamentos que isso gerava no próprio personagem. Montesquieu (2009) salienta, em seguida, o que essa posição de ser observado causava em Rica, a ponto de tomar a decisão de não mais parecer diferente, de não mais querer causar essa impressão por onde passava:

Tantas horas não me deixaram de ser pesadas: não me supunha eu ser tão curioso e estranho sujeito; e conquanto forme alto conceito de mim próprio, todavia nunca me subira à imaginação poder perturbar o sossego de uma grande cidade, onde ninguém me conhecia. Por isso tomei a resolução de deixar o traje persa e vestir-me à europeia (MONTESQUIEU, 2009, Carta XXX, de Rica a Ibben).

Assim, Montesquieu apresenta a transformação nos trajes de Rica, que possui um significado mais profundo – Rica passa a ser parte da sociedade, a querer ser um deles, justificando sua ação na fraqueza de não querer mais ser observado nem ‘perturbar o sossego de uma grande cidade’. Além disso, as impressões que Rica e Usbek causavam no outro lhe foram informadas, como descrito na Carta XXXIV, de Usbek a Ibben, na qual um francês dizia a Usbek que os costumes persas lhes desagradavam, e o que mais desagradava era que os persas se viam obrigados a viver com escravos cujas inclinações e capacidades sempre se ressentem de sua baixa condição, apresentando quão vis eram as qualidades de um escravo e questionando como os persas podiam aceitar viver assim. Evidentemente, Montesquieu sugeria ali uma reflexão a respeito da

própria sociedade francesa, que também aceitava viver não com escravos, mas com pessoas dotadas dos mesmos defeitos que esse homem atribuía aos escravos.

Montesquieu observava a hipocrisia da sociedade francesa no século XVIII. Sobre a questão de supostamente amar a humanidade, mas detestar seus semelhantes. Ao descrever a sociedade dos trogloditas, com o interlocutor Usbek, na Carta XI a Mirza, observa-se o seguinte trecho:

[...] todos os particulares concordaram não obedecer a ninguém e não cuidar de cada um senão dos próprios interesses, sem se importar com os alheios: resolução unânime que agradava imenso a todos os indivíduos (MONTESQUIEU, 2009, Carta XI, Carta de Usbek a Mirza).

Destaca que estes não ‘se matariam de trabalhar’ para pessoas que lhes eram indiferentes. Lembrando que Montesquieu era extremamente irônico em suas observações e apresentava os trogloditas como uma sociedade de virtuosos, se considerarmos a análise de Pondé de que não querer agradar aos outros é uma forma de libertação em relação ao mundo em que somos obrigados a amar todos à nossa volta, a sociedade troglodita é realmente um exemplo de virtude. Podemos relacionar este ao comportamento de não se preocupar com o que pensam, ou não se preocupar em, nas palavras de Pondé, parecer honesto.

Entretanto, Montesquieu revela, na Carta VIII, de Usbek ao seu amigo Rustan, que o próprio Usbek precisou parecer ter outra intenção para sua viagem e não a real delas, pois sua sinceridade estava resultando em vários inimigos, apresentando então um pretexto plausível de se instruir nas ciências do Ocidente. Usbek parecia, sim, se preocupar com as aparências: duvidou de sua mulher Zachi, na Carta XX, quando ela deixou que um eunuco branco adentrasse seu quarto. Mesmo que ela não tenha sucumbido à infidelidade, deixa claro que não era lícito a uma mulher receber em seu quarto um eunuco branco quando havia negros para servirem-na.

Contudo, a preocupação com as aparências fica bem evidente quando o rei Luis XIV é descrito na Carta XXXVII de Usbek a Ibben:

[...] desde pela manhã até a noite só se ocupa em que falem dele; gosta dos troféus e das vitórias [...] às vezes quem o despe ou lhe dá um guardanapo quando se senta à mesa é preferido a quem lhe conquistou fortalezas inimigas ou ganhou batalhas campais (MONTESQUIEU, 2009, Carta XXXVII, de Usbek a Ibben).

Além disso, Montesquieu usa de seus interlocutores para criticar a prática de se fazer um

funeral no qual honras são prestadas e os méritos do defunto são aclamados, uma vez que ele já não os pode ver (Carta XL, Usbek a Ibben). Na Carta XLVIII, Usbek descreve como e quando Rica trata bem a todos; ambos são bem tratados e tidos como bem-educados, diferentemente do estranhamento inicial que causaram, quando ainda eram ‘o outro’, se vestiam de forma diferente e causavam inquietações na sociedade.

Retomando a Carta XL, observa-se que esta evidencia a questão das aparências, da hipocrisia social, ou a mediocridade andando em bando (temáticas sugeridas por Pondé), exemplificadas por Montesquieu na ausência de compreensão de Usbek em relação à felicidade da população com relações alheias à sua vida e esvaziadas de real importância, tal como a pesagem do Grão-Mongol:

[...] quando vejo que se alegra o povo se o príncipe se pôs mais obeso, isto é, mais incapaz de o governar, tenho compaixão, Ibben, da loucura humana (MONTESQUIEU, 2009, Carta XL, Usbek a Ibben).

Outra característica observável em Montesquieu que se relaciona à hipocrisia é a crítica que ele faz a algumas mulheres de seu tempo. Elencamos, para primeira relação com as Cartas Persas, o exemplo de querer parecer sempre jovem. Na Carta LII, de Rica a Usbek, Rica descreve uma reunião em que esteve, na qual havia mulheres de todas as idades: oitenta, sessenta, quarenta e vinte. A de vinte, conversando com ele, falava mal da tia, que aos 40, fingia-se na flor da idade. Esta, por sua vez, falou a Rica sobre a de sessenta, que tinha passado mais de uma hora se enfeitando. A de sessenta, por sua vez, criticava a de oitenta por ter colocado em si “[...] fitinhas encarnadas, e fazendo-se de criança, e consegue-o, porque isso a faz voltar à infância” (MONTESQUIEU, 2009, Carta LII, de Rica a Usbek). Rica conclui:

As mulheres, meu caro Usbek, que se veem morrer pouco a pouco perdendo a sua beleza, queriam retroceder a juventude. Ah! Como não hão de desvelar-se por enganar aos outros, quando empregam todos os esforços por se enganarem a si próprias, e furtarem-se à mais mortificante de todas as ideias (MONTESQUIEU, 2009, Carta LII, Rica a Usbek)

A dificuldade de Rica e Usbek em lidar com as mulheres e com as práticas tão estranhas à vida persa permitem a Montesquieu, já no século XVIII, criticar a busca incessante pela jovialidade, que destitui a mulher de sua real idade, de sua maturidade, de sua experiência de vida, relatadas também na citação de Pondé. Ambas refletem a

mesma dificuldade de a mulher lidar com questões pertinentes ao seu envelhecimento e à própria vida.

Outras questões são também levantadas por Montesquieu. A relação entre homens e mulheres persas é muito diferente da francesa. Usbek possui várias esposas que ficam a cargo de seu eunuco. Na Carta IX, do primeiro eunuco a Ibi, este homem, após confessar já não possuir os mesmos desejos carniais que na mocidade, afirma possuir uma satisfação secreta na obediência das esposas de Usbek a ele: “[...] gosto de fazer que me obedeçam; quando de tudo as privo, parece-me que sofrem por mim, e daí sempre me vem certo contentamento indireto” (MONTESQUIEU, 2009, Carta IX, Primeiro eunuco nego a Ibi).

Além disso, para ele, as mulheres da Pérsia são mais formosas que na França, mesmo que as francesas sejam mais bonitas, sendo difícil não amar as persas. Montesquieu, no personagem de Usbek, aponta, na Carta XXXIV, de Usbek a Ibben, que a vida regrada e as virtudes persas são o que as fazem tão formosas. As francesas, pelo contrário, jogam, passam noites em claro, bebem vinho e se expõem. Mas os persas sabem observar a beleza junto da virtude, o que, para Pondé, é bastante pertinente. Para o segundo, o mundo respira melhor quando há uma mulher bonita por perto (PONDÉ, 2012, p. 91). Montesquieu afirma:

Mas se é certo que o poder que nas mulheres temos é tirânico, não o é menos que têm nelas em nós um império natural, que é o da beleza, a que ninguém resiste (MONTESQUIEU, 2009, Carta XXXVIII, de Rica a Ibben).

Ainda a respeito da beleza e da virtude, Usbek, na Carta XX a sua mulher Zachi, ao falar de outra mulher, Roxana, afirma que “[...] o meu amor divide-se entre ambas, e Roxana não tem outra prerrogativa senão a que a virtude pode ajuntar à beleza” (MONTESQUIEU, 2009, Carta XX, de Usbek a Zachi). Ao escrever à Roxana, na Carta XXVI, Usbek evidencia a luta do amor com a virtude, de forma que ela se ruborizava de simplesmente olhar para Usbek, fato que seria desconhecido a uma francesa:

Se te houvesse criado neste país, não terias ficado tão perturbada. Aqui as mulheres perderam todo recato; apresentam-se aos homens com a cara descoberta, como se quisessem solicitar a sua própria derrota; seguem-nos com os olhos; veem-nos nas mesquitas, nos passeios e nas próprias casas, e não conhecem o uso de se servirem de eunucos. Em vez da nobre candura e do pudor amável que reina entre vós, vê-se nelas um brutal despejo, a que não é possível a gente acostumar-se (MONTESQUIEU, 2009, Carta XXVI, de Usbek à Roxana).

Montesquieu ainda ironiza, ao fim da Carta, em forma de recado de Usbek à Roxana, que sua castidade, tanto tempo posta à prova, era credora de um esposo que nunca a havia abandonado, de forma a chamar à reflexão a ausência de virtude nas mulheres da sociedade francesa do século XVIII. Além disso, havia a questão da independência feminina, ressaltada por Pondé na dificuldade dos bons partidos em ‘cuidar’ de uma mulher cada vez mais independente, o que ele associa à histeria feminina. Montesquieu (2009) também ressaltou tanto a obediência, em forma de relatos das esposas de Usbek a ele, como a desobediência.

Na Carta XXXVIII, de Rica a Ibben, Rica revela que uma questão muito controversa entre os homens é a de saber se é mais conveniente privar as mulheres da liberdade ou deixar-lha, pois dez mulheres obedientes dão menos o que fazer do que uma que não o é. Além disso, sobre a relação entre homens e mulheres, essa mesma Carta revela a seguinte passagem:

[...] não é possível que vivam felizes com mulheres que não lhes guardam fidelidade, dizem-lhes que essa tão gabada fidelidade não impede o fastio, que é filho da paixão satisfeita (MONTESQUIEU, 2009, Carta XXXVIII, de Rica a Ibben).

Isso já pode ser identificado, entretanto, desde a Carta II, de Usbek ao primeiro eunuco negro, quando sugere que, durante sua estadia fora, ele lhes proporcione todos os prazeres inocentes: “[...] acalma-lhes as inquietações, diverte-as com músicas, com danças e deliciosas bebidas, persuade-as a que se visitem amiúde” (MONTESQUIEU, 2009, Carta II, de Usbek ao primeiro eunuco negro), além de levá-las a passeios, passando à espada todos os homens que a elas se apresentarem. Montesquieu assim demonstra que Usbek reconhece que suas mulheres possuem muitos desejos e cabe ao eunuco auxiliá-lo nesse processo – algo que ele revela, na Carta XLII, de Faran a Usbek ser algo muito difícil:

Há poucos dias, por sua própria autoridade, destinou-me a guardar as tuas sagradas mulheres, isto é, a uma operação para mim mil vezes mais cruel que a morte! (MONTESQUIEU, 2009, Carta XLII, de Faran a Usbek).

Montesquieu revela que esse comportamento é próprio de suas esposas, tais como Fátima, que, na Carta VII, de Fátima a Usbek, afirma: “Que cruéis sois os homens! Tendes grande prazer em despertar em nós desejos que não podemos satisfazer” (MONTESQUIEU, 2009, Carta VII, de Fátima a Usbek).

Outra questão que pretendemos levantar para análise é a da vaidade intelectual, que, no século XII,

Pondé (2012) trata como pseudocultura. Montesquieu (2009) salienta esta questão já no século XVIII. Descreve os intelectuais como aqueles que sempre falam de si mesmos, pessoas que já viram e ouviram de tudo, sabem tudo.

Na Carta XXXVI, de Usbek a Redi, Usbek narra como os intelectuais franceses discutem a respeito de intenções de poetas, atribuição de méritos a seus feitos, avaliações, que só eram respeitadas dependendo do status de quem avaliava, de forma que alguns deles criavam contendas entre si, trocando amargos gracejos. Usbek afirma que discutiam em língua vulgar e, exemplificando a questão dos que poderíamos relacionar aos pseudointelectuais, explica:

Bairros há onde se vê uma nuvem espessa e negra de entes desta casta, que se nutrem com distinções e vivem com intrincados silogismos e falsas consequências (MONTESQUIEU, 2009, Carta XXXVI, Usbek a Redi).

Entretanto, os persas criados por Montesquieu pareciam perceber os desenvolvimentos intelectuais em seus aspectos positivos. Com interlocução no personagem Redi, na Carta XXXI a Usbek, comenta a respeito da instrução, dos segredos do comércio, dos interesses dos príncipes, da forma dos governos, aprendendo até mesmo as superstições europeias, a medicina, a física, a astronomia, as artes, descobrindo a névoa que trazia de seu país natal. Usbek também, na Carta XLVIII, a Redi, afirma que nunca estão ociosos os que folgavam de se instruir, uma vez que sempre que não está em algum compromisso, Usbek escreve o que notou, viu e ouviu durante o dia, tudo o que lhe interessa, assombra. Percebe também que os funcionários do intelecto, os poetas, passam fome e, por isso, moram em algumas casas:

[...] a fome trouxe este a esta casa, onde o recebem bem os donos, que a todos tratam com bondade; quando se casaram, compôs o seu epitalâmio, e é a melhor coisa que fez em toda sua vida (MONTESQUIEU, 2009, Carta XLVIII, Usbek a Redi).

Todavia, esta não parece ser uma qualidade dos franceses, na opinião de Montesquieu. Dessa forma, quando Rica descreve os intelectuais, afirma:

Por toda a parte vejo homens que sem cessar falam de si mesmos; as conversações deles são um espelho que sempre retrata a sua impertinente cara. Falam das mais pequenas coisas que lhe sucederam, e querem que a eficácia com que as pintam, as engrandeça aos olhos alheios; tudo fizeram eles, tudo viram, tudo disseram e tudo pensaram; são modelo universal, matéria inesgotável de comparações, inextinguível fonte de exemplos. Oh,

que desenxabida coisa é o louvor que recai no lugar donde parte! (MONTESQUIEU, 2009, Carta L, Rica a ***).

Montesquieu parece sugerir exatamente o oposto: a prudência com o que pensa de si, ou a autoavaliação constante. A mensagem é deixada por Rica, que dizia baixinho enquanto esse homem se vangloriava de si:

[...] bem aventurado o que tem tanta vaidade que nunca se louva de si mesmo, porque teme os seus ouvintes e não compromete o seu mérito com a arrogância alheia (MONTESQUIEU, 2009, Carta L, Rica a ***).

Mesmo com a ironia, percebe-se que, caso um homem fosse tão vaidoso a ponto de temer a opinião alheia não falando de si, ele brindaria os seus próximos com a agradável presença de um intelectual diferente daqueles.

O Guia politicamente incorreto da filosofia e a ironia no século XXI

A obra de Luiz Felipe de Cerqueira e Silva Pondé, *O guia Politicamente Incorreto da Filosofia* (2012), apresenta-se como um ensaio de ironia a respeito de assuntos próprios ao século XXI. Esses temas envolvem relações sociais, política, economia, religião, cultura, educação, questões ligadas ao gênero, aspirações para o futuro, entre outras. Observamos que, apesar de serem analisadas com o olhar do século XXI, são temáticas candentes aos homens de diversos tempos, tais como os do século XVIII, como Montesquieu.

Ao atacar hábitos construídos pela onda Politicamente Correta, ou seja, o medo de criticar o outro, de buscar uma vida de aparências, de ser supostamente contra o preconceito, a favor da natureza, de elementos mais suaves de religião, de ser a favor de minorias, das lutas feministas, da independência feminina, de amar ao próximo, Pondé (2012) sugere uma reflexão da criação desse hábito de ser Politicamente Correto, ironizando e satirizando os clichês comuns à prática politicamente correta, na busca por descortinar a hipocrisia que, em sua opinião, é própria de quem adota tais práticas.

Pondé (2012) inicia seu texto com a temática da covardia e de como ela é importante para o que chama de praga. Ao considerar tocante a imagem da falta de coragem de um soldado diante de suas responsabilidades de defesa da pátria, de luta, por estar acometido por seus nervos, a sociedade, segundo Pondé (2012), criava a prática do Politicamente Correto.

O tema da covardia e da ausência da responsabilidade foi tratado ao analisarmos as *Cartas Persas*. Tratando do século XII, um exemplo dessa ausência de coragem, no âmbito da educação, pode se relacionar aos professores, que, fugindo da responsabilidade de fazer o seu trabalho, justificam a dificuldade em sua ação docente e responsável na ausência de estrutura, na falta de base de educação familiar, na necessidade de que os pais eduquem para que o professor então ensine, ou culpando ainda o sistema capitalista (PONDÉ, 2012).

Faltam, portanto, atitudes de grandes homens, que se oponham à vitimização e à hipocrisia. A respeito dessas grandes ideias, advindas de homens de responsabilidade, Pondé inicia seu segundo tema, a Aristocracia, ou os homens melhores que a maioria, tratando-os como aqueles que são obrigados a carregar o mundo nas costas (PONDÉ, 2012). Essa temática se relaciona com a covardia, uma vez que Pondé aponta que, se as minorias se justificam pela detenção do sofrimento do mundo, não poderiam, portanto, ser detentoras da salvação do mesmo, pois, para a posição de salvador, é necessário ampliar a coragem e reduzir a vitimização.

Esse caráter de justificativa, para Pondé (2012), anda em grupo. Os grupos, as massas, sempre tomam as decisões baseadas na maioria e nos próprios interesses. Para ele, essa covardia, ausência de responsabilidade e, portanto, de virtude, se associa à mediocridade, que em suas afirmações, anda em ‘bando’, porque a sociedade vive em grupos e desses grupos tenta-se extrair o que é necessário para sua vida, fazendo concessões em troca de segurança. Nesse sentido, Pondé apresenta a ideia de ‘sensibilidade democrática’ (PONDÉ, 2012) e da voz do povo, de seu clamor pela liberdade, que vai acentuar as diferenças entre as pessoas que vivem nesse grupo. Pondé salienta que a tomada de consciência do poder numérico observado pelos sujeitos no sistema democrático é talvez a maior responsável pelas atitudes medíocres, e tem o poder absoluto de destruir todos os que não se submetem à sua regra.

Essa prática Politicamente Correta, de obedecer a um líder, de fazer concessões quando se busca a resolução de algum interesse está presente na educação. Discursos em voga, como ‘pais educam e professores ensinam’, como anteriormente citado, são amplamente repetidos sem reflexão, com esvaziamento de responsabilidade e da função social do professor.

Outra temática de Pondé pode ser levantada: a alteridade. Também tratamos dessa relação com o outro nas aproximações dos personagens persas que

buscavam conhecer a sociedade francesa em *Cartas Persas*. No caso do *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia*, o outro está na moda, mas somente no discurso. Dizer que é lindo respeitar as diferenças, a minoria. Mas essa consideração não carrega nenhum ato de superioridade espiritual quando o outro não causa incômodo. A partir do momento em que causa, está próximo, coloca suas inquietações em pauta, o véu da hipocrisia cai, e o outro passa a incomodar, não valendo mais a chamada ‘ética da alteridade’ (PONDÉ, 2012).

Observa-se, portanto, a relação entre apontamentos que Pondé (2012) faz a respeito do outro, da covardia, da virtude, da mediocridade com as ironias apresentadas por Montesquieu (2009) durante a história de Usbek e Rica. Além destas, outras relações são bastante presentes e demandam atenção, como as relações sobre sexualidade, homens e mulheres, uma vez que a tradição persa possui uma diferença muito grande em relação ao comportamento da mulher, permitindo a Montesquieu a liberdade para criticar, questionar e estranhar com a interlocução dos personagens, tema que pode trazer à tona as afirmações de Pondé (2012) sobre a beleza e a inveja, sobre a tragédia do *keeper* e sobre o bovarismo.

Nesse sentido, Pondé (2012) se contrapõe à ideia de que a sociedade constrói gêneros na dependência do poder das classes sociais, do feminismo e da opressão patriarcal. Para ele, a mulher que se vitimiza em relação ao homem, ou a que sugere que a beleza feminina é opressão masculina, faz parte do grupo de histeria feminina, que confunde a busca pela independência feminina com a suposta capacidade de viver sozinhas. A este fenômeno ele chama de ‘tragédia dos *keepers*’ (PONDÉ, 2012), ou seja, o homem bom partido que busca cuidar bem de sua mulher e que sofre com o lado negativo da mulher moderna. Soma-se este lado negativo ao que Pondé (2012, p. 189) chama de “[...] direito de toda cidadã de estar sempre insatisfeita [...]”, conhecido por bovarismo, combatido pela praga Politicamente Correta.

Observamos, portanto, relações entre as obras na política e com relação às mulheres. Entretanto, ainda podem ser feitas relações no tocante ao intelecto. Em relação ao intelecto, que em Montesquieu tratamos como a vaidade intelectual, Pondé (2012) salienta a atualidade dos funcionários da educação, do intelecto e da arte, muitos deles professores universitários que raramente gostam de seus alunos e de ministrar aulas – tendo feito, em alguns casos, ciências humanas por ser uma área fácil para adentrar no ensino superior. Estes podem se relacionar à falta de responsabilidade e

comprometimento com sua função, uma vez que a opção inicial pela licenciatura não foi feita com reflexão profunda. Somado ao baixo salário e à insegurança, bem como à capacidade intelectual, o autor afirma que a mediocridade reina entre os funcionários da educação. Para exemplificar, traz à tona questões de manipulação de concursos, de indicações para cargos relacionados às artes, revelando a hipocrisia do intelectual Politicamente Correto. Adicionam-se aqui exemplos de professores ou pós-graduandos que não buscam, com seu título de mestrado, doutorado ou pós-doutorado, nada mais do que satisfazer sua vaidade ou galgar degraus para adquirir um salário mais alto, sem total comprometimento com o alunado, com o conhecimento, com a sociedade.

Além desse fator, não somente os intelectuais opinariam a respeito do mundo, mas também muitas pessoas que, nas palavras de Pondé (2012, p. 184), “[...] se acham importantes em seus apartamentos de dois quartos de classe média”. Para estes, os leitores, ou os receptores da mídia, consumidores de produtos cuja opinião só interessa enquanto forem consumidores, resta a pseudocultura, pela qual vangloriam-se de ler alguns livros e poder citar alguns autores para seus pensamentos, conhecendo somente a superfície de algumas teorias, quando somente compram alguns livros para mantê-los na estante e passar a ideia de que são pessoas cultas e leitoras.

Além disso, a hipocrisia se torna uma conduta típica tanto nas dimensões intelectuais quanto nas dimensões religiosas. A este exemplo, Pondé (2012) aponta as relações hipócritas na religião e sustentabilidade, que chama de budismo nova era, em que prevalecem produtos que dão o status de espirituais, com as tradições não sendo respeitadas à risca, uma vez que se é religioso até o momento em que as práticas religiosas não ‘atrapalham’ a vida cotidiana. Neste caso, as regras são ou precisam ser flexibilizadas, e a função destas é somente de aparentar ter alguma espiritualidade e ser inteligente, forjando pessoas que na realidade são egoístas e dissimuladas:

Dizer que se é budista pega bem em jantares inteligentes, porque dá a entender que você não é um materialista grosseiro, mas sim um espiritualista sustentável. Basicamente uma religião sustentável não precisa sustentar nada a não ser uma dieta balanceada, uma bike importada e duas ou três latas de lixo de design em casa, para reciclagem de lixo. Esse é o budismo da gente Chiquinha de São Paulo. Normalmente é gente com grana, preguiçosa, que nunca quis arrumar o quarto quando era adolescente e, com o budismo light, descobriu que esse é um direito dela, porque no budismo não existe pecado,

logo, você pode ser preguiçoso com bênçãos cósmicas (PONDÉ, 2021, p. 127-128).

Nesse sentido, o autor levanta temáticas acerca da hipocrisia que o Politicamente Correto gera, por exemplo, o fato de amar a humanidade e odiar seu semelhante (PONDÉ, 2012). Velada pelo otimismo e pela literatura de autoajuda, a busca pela felicidade reside na hipocrisia social, substância última da moral pública, que obriga as pessoas a parecerem bem resolvidas e felizes. Por isso, Pondé afirma que não basta uma pessoa ser honesta, ela tem que parecer honesta, lutando contra as sombras da inveja, do orgulho, da preguiça, do medo, da ira, da vaidade, que são todas ações politicamente incorretas, mas são sentimentos reais dos seres humanos. Medos que, quando evidenciados, retomam a discussão anteriormente levantada a respeito da covardia, da compreensão das limitações (em sua dimensão hipócrita) e da culpa. É necessário então carregar uma culpa, que pode ser manipulada e significar a existência de uma consciência moral.

Nesta sociedade permeada por hipocrisia, covardia, culpa e esvaziamento de responsabilidade, a teoria da justiça social é um elemento chave para sua compreensão. Uma vez que se busca o melhor, mas prega-se a justiça social, a sociedade não se desenvolve. Para Pondé, desenvolver-se e produzir riqueza relacionam-se com originalidade, inteligência, capacidade de disciplina, que não são igualitárias, e não dependem de justiça social. A explicação para a ausência dessas qualidades reside na covardia anteriormente dita, à qual Pondé (2012, p. 173) adiciona uma explicação: “[...] somos basicamente covardes porque a vida é basicamente infeliz”.

Ou seja, para o Politicamente Correto, a humanidade é boa em si, mas sofre más influências, destituindo-se a responsabilidade de cada um enquanto sujeito social, pois cada um não sente mais a pertinência social, a responsabilidade de atuação para que esta sociedade melhore. Tirando de si a responsabilidade, a covardia passa a ser justificada na infelicidade e no sentimento que ela gera, tal como o medo de não agradar, ou de parecer egoísta. Pondé assinala que

[...] não querer agradar é uma das maiores formas de libertação num mundo em que somos obrigados a amar tudo a nossa volta. Ninguém é capaz de tanto amor [...]. (PONDÉ, 2012, p. 196).

Considerações finais

São várias as Cartas Persas que podem ser citadas em relação às considerações de Pondé. Esta relação

se dá pelo olhar irônico que ambos demonstram em relação à sua sociedade. Partindo das quatro temáticas elencadas, observamos, nos escritos de Montesquieu (2009), uma leitura da existência da covardia e do esvaziamento da responsabilidade social, da existência de poucos virtuosos que auxiliam muitos medíocres, que acreditam no poder de sua quantidade, não buscando aprofundar seu conhecimento, confundindo seu pouco conhecimento com o direito à opinião.

A respeito da coragem, Montesquieu (2009) evidencia em sua obra que a virtude e o autoconhecimento são impossíveis de serem atingidos, elementos que podem ser relacionados com temáticas de Pondé (2012), como a covardia gerada pela infelicidade da vida moderna, a perda ou a não geração de ideais, de construção de maucaratismo, de amar a humanidade e odiar seu semelhante.

Ainda tratando da coragem, mas enfatizando a vitimização e, ao nosso ver, a hipocrisia, Montesquieu trata também da sociedade de seu tempo e de homens que fogem à sua responsabilidade. Para Pondé, os homens que não fogem à sua responsabilidade são homens solitários, dimensionam que o mundo sobrevive graças a eles, à sua virtude, uma vez que não fogem à sua responsabilidade. Observa-se que este fator, relacionado à educação, nos mostra que os docentes não fogem à sua responsabilidade, mesmo em meio a fatores que os covardes usariam como justificativa para a ausência de suas ações.

Observam-se também as relações entre homens e mulheres, na busca pela independência feminina e nas relações das mulheres com seu envelhecimento e na busca pelos seus desejos; as dificuldades acerca da religião e da justificativa para ações que são contrárias ao bem público, à tradição, que não necessariamente precisa estar vestida com uma roupagem cerimonial, mas pode agradar a qualquer divindade se as ações forem voltadas para o bem. Ambos parecem observar e buscar descortinar a hipocrisia que reside nas ações sociais, na ausência total de preocupação com o respeito ao outro, no egoísmo velado, na necessidade de parecer alegre, bem-sucedido e bem resolvido, mesmo que isso signifique sufocar medos, tanto em alegrias passageiras quanto em produtos, em viagens, que para nada mais servem do que demonstrar seu status social.

Tanto Montesquieu quanto Pondé parecem criticar todas as escalas da sociedade, quando, na verdade, possuem respeito por muitas delas. Entretanto, permeados pela linguagem irônica, o que

criticam é o fato da sociedade (e do Politicamente Correto, no caso de Pondé) de concordar sempre ou ter medo de parecer preconceituoso, consequentemente hipócrita. Ambos possuem um discurso que revela, no seu âmago, uma preocupação com a sociedade, enfatizando em seu discurso todas as pessoas, não minorias; uma vez que exigem seus direitos como minorias, não respeitam nem a si mesmas, pois não se consideram pessoas que possuem todos os direitos, como as outras.

Portanto, ao criticarem determinadas ações, Montesquieu e Pondé, distantes do preconceito, apresentam-se profundamente contrários ao mesmo. Entretanto, ao criticarem a hipocrisia em tom de ironia, ambos chocam a sociedade que não busca ler suas entrelinhas, atendo-se somente à informação na superfície. São, assim, interpretados como conservadores (e, no caso de Pondé, preconceituoso), quando, na verdade, seu discurso busca o oposto, combatendo a hipocrisia e reiterando a importância do respeito.

Referências

- MONTESQUIEU, C. S. **Cartas Persas**. Tradução e notas de Mário Barreto. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- MUSTĂŢEA, A. **Le theme du Voyage dans la littérature française des lumières**. Studii si Cercetari Filologice: Seria Limbi Romanice. Romênia: Universidade de Pitesti, 2011. p. 50.
- OLIVEIRA, T. A historiografia francesa dos séculos XVIII e XIX: as visões iluminista e romântica da Idade Média. **Acta Scientiarum**, v. 21, n. 1, p. 175-183, 1999.
- OLIVEIRA, T.; MENDES, C. Reflexões sobre os clássicos na história. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **História e historiografia da educação nos clássicos: estudos sobre Antiguidade e Medievo**. 1. ed. Dourados: UEMS, 2010. v. 1, p. 7-18.
- PINHEIRO, M. E. **Argumentação, ironia e polifonia nos textos do século XVIII**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a4n3/mariaelizabeth_pinheiro.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2012.
- PONDÉ, L. F. **Guia politicamente incorreto da filosofia**. São Paulo: Leya, 2012.

Received on February 15, 2015.

Accepted on April 16, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.